

O amor não acabou, mas os caminhos tomaram rumos diferentes: disputas de sentido sobre o planejamento familiar de personalidades midiáticas ¹

Maria Clara Aquino

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, São Leopoldo, RS, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8230-5921>

Ana Luiza de Figueiredo Souza

Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Niterói, RJ, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1368-3184>

Resumo

No início de 2023, o casal Nataly Mega e Fábio Porchat anunciou no Instagram sua separação, depois de oito anos juntos. A notícia gerou comentários nas publicações feitas pelo ex-casal, além de ampla repercussão na imprensa e mídias sociais. O planejamento familiar teve destaque nessa repercussão, já que ter ou não ter filhos foi apontado como fator decisivo para que o ex-casal encerrasse o casamento. Por meio de uma análise de construção de sentidos em redes digitais, o artigo explora as disputas de sentido que emergem do debate sobre o planejamento familiar – ou planejamento da (não) parentalidade – de personalidades midiáticas construídas a partir dos comentários no post (original e compartilhado) sobre a separação de Nataly e Fábio. Identificam-se tensões e tendências entre as expectativas sociais relacionadas à maternidade, à paternidade e à vida sem filhos, principalmente entre o público feminino, o mais presente entre as manifestações. Conclui-se que o modo como o anúncio do divórcio foi feito e o fato de tantas pessoas exigirem explicações sobre os motivos que levaram ao término revela a sensação de proximidade e acesso à intimidade do ex-casal por parte do público que o acompanha. Assim, a comoção em torno de términos de personalidades midiáticas pode ser relacionada a uma lógica de consumo da intimidade que se alastra para a vida familiar dessas personalidades. Nesse contexto, as respostas sobre os projetos parentais divergentes do ex-casal reúnem concepções tradicionais, (des)apoio à (não) parentalidade planejada e a

¹ Versão anterior do presente artigo foi apresentada ao Grupo de Trabalho Materialidades Digitais e Práticas Comunicacionais do 32º Encontro Anual da Compós, em 2023 (AQUINO; SOUZA, 2023).

valorização das atitudes necessárias para atingir os objetivos de seus projetos de vida.

Palavras-chave

planejamento familiar; disputas de sentido; personalidades midiáticas; maternidade; (não) parentalidade

1 Introdução

Acompanhar a vida de casais famosos e pessoas públicas sempre foi uma prática de veículos de comunicação que gerou tanto visibilidade quanto lucro (Moraes, 2005; Trindade, 2009). As páginas de revistas e programas de TV falando sobre as histórias de casamentos e separações, envolvendo divisão de bens, amantes, guarda dos filhos, hoje dividem audiência com sites, mídias sociais, colunas de jornalistas, influenciadores, blogueiros e blogueiras que se dedicam a contar tudo o que se passa nos relacionamentos de personalidades que vão do entretenimento ao esporte. A diferença é que hoje essas pessoas podem, elas mesmas, expor as suas histórias e dar as suas versões sobre os acontecimentos que as envolvem nas plataformas de redes sociais. A mobilização de fãs e seguidores nos perfis de seus ídolos e dessas personalidades midiáticas desperta uma multiplicidade de manifestações de sentido sobre os relacionamentos expostos. O planejamento familiar dos envolvidos passou a ser um dos tópicos sobre os quais as pessoas esperam que essas personagens falem, pois já estão acostumadas a acompanhar suas vidas através das plataformas (Sibilia, 2016; Studlar, 2016; Tomaz, 2019; Humphrey, 2022).

Em janeiro de 2023, o ex-casal Nataly Mega, produtora de cinema, e Fábio Porchat, humorista e um dos fundadores do Porta dos Fundos, anunciou sua separação na plataforma de redes sociais Instagram, depois de oito anos de relacionamento. Assim como em outros anúncios de término em que as pessoas envolvidas formam um casal com alto grau de popularidade (Redação GQ, 2022), a notícia sobre o fim da relação gerou movimento nas redes.

Na nota publicada primeiro por Fábio e republicada por Nataly,² é exposto que o planejamento familiar teria definido o fim da relação. O assunto virou conteúdo em sites de notícias e entretenimento, bem como em posts de contas dedicadas a discutir a vida sem

² Após impedir novos comentários na publicação, Nataly posteriormente a apagou. Os comentários que analisamos aqui foram obtidos por meio de capturas de tela recolhidas três dias depois do anúncio feito pelo ex-casal.

filhos.³ Entendemos que todo e qualquer relacionamento é privado até que se torne público, ainda que não se tenha condições de verificar todas as ponderações feitas entre um casal que decide encerrar o relacionamento. No caso aqui referido, ambas as pessoas envolvidas na relação são públicas e decidiram escrever um comunicado público para expor o fim de sua história como casal.

Neste artigo, observamos a diversidade de sentidos em torno da publicação feita por Nataly Mega, que consiste em uma republicação do post de Fábio Porchat junto a um breve comentário de autoria da produtora. Para complementar, os principais comentários recebidos no post original de Fábio também são analisados. Nosso objetivo é verificar quais disputas de sentido emergem da exposição do planejamento familiar de personalidades midiáticas que já usam as plataformas de redes sociais com frequência e como essas disputas se manifestam nos comentários sobre a separação de Mega e Porchat. Desse modo, também podemos observar quais concepções de planejamento familiar são acionadas neles.

2 Planejamento familiar (ou da parentalidade) exposto nas redes

Escolhas são o imperativo do nosso tempo. As noções de autonomia e liberdade que norteiam a sociedade de consumo (ou de consumidores) partem da premissa de que os indivíduos precisam escolher entre as diversas opções a eles apresentadas na forma de produtos, serviços, ideologias, estilos de vida (Giddens, 2002; Bauman, 2008). A possibilidade de escolha se torna, simultaneamente, uma demanda e uma obrigação. Escolhas estas que perseguem o que a cultura do consumo coloca como meta, a felicidade (Bauman, 2008).

Ao discutirem as implicações bioéticas envolvidas no estabelecimento de uma família, bem como os termos e ideias utilizados nesses processos, Sanches e Simão-Silva (2016) pontuam que tanto as possibilidades contraceptivas quanto as novas tecnologias reprodutivas impactam os planos de ter ou não ter filhos. Isso, podemos pensar, disponibiliza opções múltiplas que se tornam mais ou menos elegíveis de acordo com as condições e as vontades de cada pessoa e/ou casal. Nesse e em demais quesitos, o direito de escolha vira questão central no debate público e nos movimentos sociais, sobretudo diante da consciência de que nem todos têm acesso a um amplo leque de escolhas (Velho, 2003; Polivanov, 2019). Por outro lado, é preciso sustentar aquilo que foi escolhido. O que pode ser feito por meio da

³ O término rendeu postagens nas contas Sem Filhos, Não Nasci Pra Ser Mãe, Felizes sem filhos, Laqueadura sem filhos, entre outras semelhantes.

exposição dessas preferências e posicionamentos em ambientes compartilhados, inclusive on-line (Sibilia, 2016; Martins; Cordeiro, 2022).

Neste cenário, o fim do casamento de cinco anos de Nataly Mega e Fábio Porchat se junta a uma série de termos que rendem debates nas plataformas de redes sociais. Um exemplo semelhante ocorreu em setembro de 2023, por meio da dupla postagem no Instagram da cantora Sandy Leah Lima e do músico Lucas Lima acerca da decisão de se separarem após 15 anos de casamento (Comoti, 2023a). Além de pegar os fãs e o público em geral desprevenidos, a notícia não veio sem rumores (Caras Digital, 2023) de que o casal estaria em busca da reconciliação. Em novembro de 2023, o ex-casal usou os *stories* do Instagram para desmentir os boatos (Comoti, 2023b).

O anúncio da separação de Nataly e Fábio pode ser entendido como um acontecimento on-line (Aquino, 2014); apareceu em diferentes postagens, e foi apropriado por diversos produtores de conteúdo – de sites de fofoca até perfis pessoais que usaram o comunicado para discutir temáticas a ele relacionadas. De acordo com os veículos informativos (RICtv Entretenimento, 2023), o ex-casal já estava separado desde novembro de 2022 e assumiria publicamente o rompimento depois do Carnaval de 2023. Todavia, a notícia vazou antes, com o flagra de Porchat com uma nova namorada em um cruzeiro em janeiro de 2023. Diante disso, ambos precisaram explicar os fatos – o que abre espaço para interpretar o anúncio respeitoso sobre o rompimento como estratégia de contenção tanto de danos à imagem dos dois quanto de especulações sobre suas intimidades.

Ainda assim, a contenção de danos não se mostrou totalmente eficaz no caso de Nataly e Fábio, conforme a produtora revela em entrevista para o jornal Estadão: “Acredito que isso [a exposição da separação] tenha acontecido após ele ser visto viajando com outra pessoa, algo que eu não sabia. Então, não tive escolha. Na época, precisei lidar com a opinião de muita gente que não tinha ideia do que acontecia na minha casa” (Redação, 2023). O que ajuda a explicar o bloqueio de novos comentários no post de Nataly, antes de ser deletado por ela. Segundo a postagem de Porchat compartilhada por Mega e entrevistas posteriores concedidas pelo ex-casal (RICtv Entretenimento, 2023), o motivo do término seria o fato de Fábio não querer filhos, enquanto Nataly deseja ser mãe.

Conforme apontam Santos e Freitas (2011), boa parte do que se escreve ou se legisla enquanto planejamento familiar se refere aos planos de ter ou não ter filhos, o que configuraria uma visão que enfoca apenas a saúde da mulher e o controle do número de filhos. Para Sanches e Simão-Silva (2016), o próprio termo planejamento familiar não dá

conta de movimentações que têm sido feitas em relação aos planos de sexualidade, casamento e parentalidade das pessoas em geral – tópico que trabalharemos melhor na próxima seção.

A circulação de notícias sobre o rompimento de Porchat e Mega se insere na cultura de acompanhar esses desdobramentos, que se manifestam de forma mais intensa tanto em um contexto eletronicamente mediado, sob o imperativo da visibilidade, quanto em casos que envolvem pessoas que já são famosas (Sibilia, 2016; Campanella; Nantes; Fernandes, 2018; Karhawi, 2021). O planejamento familiar e a vida em família passam a ser um dos aspectos que o público espera que as personalidades midiáticas e pessoas em geral divulguem (Studlar, 2016; Tomaz, 2019; Humphrey, 2022). Especialmente diante da ampliação do entendimento de que as pessoas devem realizar seus projetos parentais de modo responsável, “[...] com destaque para a melhoria das condições de saúde da mulher, ao evitar gravidezes indesejadas e/ou programá-las em situações pessoais, sanitárias e sociais mais adequadas” (Sanches e Simão-Silva, 2016, p. 74).

Nisso, fãs, interessados, curiosos e mesmo odiadores querem opinar sobre a vida afetiva daqueles que acompanham. Acerca das publicações enunciadas como desabafos ou relatos imbuídos de tom confessional, organizados na forma de narrativa da intimidade nas plataformas digitais, Klem e Fernandes (2022) concluem que:

Neles, podemos perceber um itinerário de consumo deste tipo de conteúdo. Primeiro temos o desabafo público, que desencadeia a sensação de proximidade e de acesso à intimidade de uma figura pública. Em seguida, estimulado também por repercussão midiática, métricas e engajamento, temos o acolhimento e o aconselhamento. A exposição do eu privado estimula a conexão pessoal com seguidores, ainda mais quando o assunto exposto se mostra como tabu social, como questão quente para a sociedade naquele momento. Há um senso implícito de oportunidade que estimula a exploração desse tipo de assunto, confiando na conexão feita entre usuários através das redes sociais, cada uma à sua maneira dadas as dinâmicas de cada rede (Klem; Fernandes, 2022, p. 12).

Para Abidin (2015), um influenciador digital – ou personalidade midiática – que articula seu conteúdo de forma genuína e condizente com seus sentimentos e estilo de vida é visto por seu público como autêntico. Essa coerência expressiva (Pereira de Sá; Polivanov, 2012) é buscada dentro e fora das plataformas de redes sociais. Nelas, o ajuste da própria imagem de acordo com os significados que se deseja expressar ao outro – no caso, ao público,

aos fãs, aos círculos interpessoais mais e menos próximos – é atravessado pela relação com outros atores, humanos ou não, da rede sociotécnica na qual aquele usuário se insere.

Podemos entender que as disputas de sentido em torno dos acontecimentos on-line (no caso, o anúncio da separação entre Nataly e Fábio) também dizem respeito ao projeto de vida (Velho, 2003) das pessoas envolvidas nas discussões. Seriam uma forma de obter a validação das próprias decisões e posicionamentos a partir das escolhas de outrem. Nisso, quem interage na seção de comentários pode, por exemplo, defender a legitimação da escolha de permanecer sem filhos (representada pela postura de Fábio) ou reforçar premissas já socialmente estabelecidas de que ser mãe é ótimo, indispensável (representada pela postura de Nataly).

3 Ser mãe é destino, ser pai é escolha? Movimentos da (não) parentalidade

Trabalhos anteriores (Figueiredo Souza, 2019) revelam que mulheres têm questionado a concepção da maternidade enquanto roteiro social mais satisfatório ou mesmo necessário a elas. Tal questionamento ganha espaço em conversas sobre gênero nos últimos anos (Badinter, 2011; Donath, 2017). Moura e Araújo (2004) contextualizam a construção sociocultural da naturalização dos conceitos e práticas relacionados à maternidade e à maternagem. Revisões históricas sobre a instituição familiar mostram que a exaltação ao amor materno foi algo socialmente construído e nem sempre configurou um sentimento presente nas sociedades em todos os períodos históricos já estudados. As autoras destacam o papel dos discursos filosófico, médico e político na moldagem desse sentimento a partir do século XVIII.

No Brasil, esse processo é implementado desde o século XVI, enquanto tentativa de a metrópole portuguesa tanto assegurar a posse do território brasileiro quanto organizar a população da colônia a partir de um modelo materno moldado pelos “[...] valores do casamento insolúvel, da estabilidade conjugal e da valorização da ‘família legítima’” (Figueiredo Souza, 2022, p. 48). Isso orientava a visão social sobre as mulheres, à época impedidas de contestar. Também estabelecia, por um lado, a ideologia pronatalista (Cummins; Rodgers; Wouk, 2021) sustentada por famílias nucleares como paradigma na sociedade brasileira e, por outro, o maternalismo (Badinter, 2011; Figueiredo Souza, 2022), ideia de que toda mulher nasce para ser mãe.

Com a passagem dos séculos, a maternidade se tornou forte argumento para pleitear direitos e melhores condições de vida para as mulheres. Em paralelo às conquistas sociais, os

discursos sobre a (não) maternidade se complexificaram. O estabelecimento das plataformas de redes sociais ampliou o alcance e a visibilidade dessas discussões. Mães e mulheres sem filhos começaram a falar sobre suas experiências, bem como acerca das práticas e crenças em torno da vida com ou sem filhos (Figueiredo Souza, 2019, 2022). Zago (2021) explica que, diante da centralização dessas conversas na função do maternar, até então vista sob uma perspectiva sócio-histórica de idealização da figura da mãe, surge o sintagma “maternidade real”. Através de relatos pessoais, o movimento impulsionado por mães que se identificam umas com as outras traz à tona os desafios de dar conta da maternidade, da carreira e, quando é o caso, do(s) relacionamento(s) amoroso(s).

Tal qual acontece com o debate materno on-line, a discussão sobre a “maternidade real” é prioritariamente conduzida por mulheres das camadas mais economicamente favorecidas, brancas, de maior escolaridade e que desejam uma vivência materna que não anule seus projetos pessoais e profissionais (Figueiredo Souza, 2021; Pires, 2021). Trata-se, portanto, de um grupo de mulheres diversas para as quais a concepção de mulher bem-sucedida (Leal, 2015) abrange o âmbito materno, mas não se restringe a ele.

Esse movimento possibilitou a abertura de diálogos até então impensáveis, sobre questões como violência obstétrica e arrependimento materno. Por meio de narrativas pessoais, a face contemporânea da maternidade se desenha de modo a se preocupar menos com as proscições do que (as assim consideradas) boas mães devem fazer. Em vez disso, há maior interesse pelo que diferentes mães têm a dizer sobre suas experiências (Friedman, 2013). Todavia, a vontade das mulheres (e meninas) ainda não prevalece em muitos contextos. Sobretudo quando são colocadas em situações de dominação financeira, psicológica e emocional que as impedem de expressar o não consentimento ou a sua verdadeira vontade no contexto familiar.

Isso demarca uma importante diferença em relação à paternidade e à vivência masculina. Enquanto, historicamente, a maternidade foi e permanece imposta de muitas maneiras às mulheres, homens contam com a possibilidade de se eximir das obrigações e até mesmo do papel paterno, algo muito mais difícil para mulheres, inclusive as que são personalidades midiáticas.⁴

Se a maternidade atua como instituição simbólica e cultural que orienta a noção de identidade feminina – tomada por muitos como indispensável à vida das mulheres (Badinter, 2011; Donath, 2017) – a paternidade representa um vínculo do qual homens podem se

⁴ Vide Samara Felippo, Helen Ramos e Titi Müller.

desfazer com relativa facilidade, tendo aval da sociedade para isso (Figueiredo Souza, 2022). Haja vista os dados da Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen) com relação aos últimos cinco anos: por dia, 470 crianças são registradas sem o nome do pai na certidão de nascimento no Brasil (Correio Braziliense, 2023). Recentes debates também têm mostrado que boa parte das mães sentem que não podem contar com apoio efetivo dos pais de seus filhos na maternagem, mesmo casadas (Lisauskas, 2019; Nardelli, 2020; Nogueira, 2023).

Em revisão bibliográfica de publicações acadêmicas brasileiras e internacionais sobre a paternidade produzidas entre os anos 2000 e 2007, Souza e Benetti (2009) identificam uma nova consciência dos pais sobre a necessidade de maior envolvimento com os filhos, que vira demanda das pessoas em geral. Porém, apontam que tal concepção da paternidade aparece com maior frequência no discurso dos estudiosos e da sociedade do que como prática permanente dos pais.

Para Sanches e Simão-Silva (2016), as novas – ou não tão novas – estruturas parentais em curso precisam contemplar diferentes maneiras de viver a parentalidade. É por isso que consideram central a necessidade do que denominam planejamento da parentalidade, haja vista que apenas planejar ter ou não ter filhos se torna insuficiente, é preciso planejar ser pai/mãe:

[...] planejar a parentalidade inclui “família”, com suas diversas configurações, inclui “ter filho” e inclui “planejar uma gravidez”, exceto nos casos de se assumir a parentalidade por adoção ou por reprodução assistida heteróloga. A importância de abraçar essa perspectiva está na ênfase dada ao bem dos filhos. Evidentemente que o planejamento da parentalidade também inclui a autonomia das pessoas, uma vez que ele nasce da opção pessoal de todos (Sanches; Simão-Silva, 2016).

Nesse sentido, distinguem o ato de planejar uma não parentalidade – a legítima opção por não ter filhos – do ato de não planejar a parentalidade, que apresenta problemas éticos porque “[...] significa alguém ter filhos sem a clara decisão de querer ser pais, e sem se preparar para recebê-los” (Sanches; Simão-Silva, 2016, p. 78).

Nas plataformas de redes sociais, conforme mencionado na introdução do texto, a exposição da vida de personalidades midiáticas ganha a atenção de milhões de pessoas que, curiosas sobre os detalhes do que se passa, não só seguem e compartilham, mas também comentam sobre o que é postado e noticiado. As narrativas pessoais daqueles que discutem nas redes se misturam ao que consomem. A forma como tais narrativas são usadas configura

uma sobrevalorização dessas experiências na tentativa de sustentar o argumento no contexto da discussão. Isso acaba individualizando a fala de quem exacerba a sua narrativa pessoal em detrimento da coletividade, de modo que a disputa de sentidos inviabiliza o debate saudável sobre o tópico. O que acontece é uma manifestação da discórdia, uma concorrência entre opiniões, em uma disputa para ver qual posicionamento se sobressai diante do outro.

4 Método e análise

A escolha pelo caso de Nataly e Fábio não foi aleatória. Nossa trajetória de investigações sobre gênero, maternidade e produção de sentidos nos conecta com as questões que este acontecimento on-line mobiliza. Em Aquino, Dias e Ávila (2019), discutimos sobre a disputa de narrativas na constituição de um grupo de mulheres que se articulou durante a campanha presidencial de Jair Bolsonaro. A partir de perspectivas teóricas feministas, vimos como o grupo surgiu, se tornou notícia e abriu espaço para diversas narrativas no ambiente digital. Através de um mapeamento de publicações nas redes e de um levantamento de matérias sobre o grupo que foram publicadas na imprensa, conseguimos compreender a constituição de uma pluralidade de sentidos que, reforçada pelo embate polarizado, muitas vezes inviabiliza o debate de questões sobre política, por exemplo. Por outro lado, o compartilhamento de vivências maternas por meio de narrativas pessoais de mulheres nas plataformas de redes sociais – criando redes de apoio, negociação e conflito – foi objeto de investigação que mostra os valores nelas disputados, além de como tais plataformas visibilizam problematizações da maternidade e maneiras pelas quais essas narrativas integram o ambiente dialógico da cultura digital (Figueiredo Souza, 2019).

Tais incursões anteriores nos possibilitam olhar para a multiplicidade de sentidos nas conversações e embates que acontecem nos comentários de publicações feitas por mulheres que expõem questões e decisões sobre suas histórias de vida e relacionamentos, a partir de uma perspectiva feminista. A base conceitual que nos aproxima é a de uma leitura sobre o feminismo que coloca o planejamento familiar enquanto possibilidade de diálogo, a partir da noção de autenticidade das narrativas pessoais de mães e não mães que discutem a maternidade em ambientes on-line (Figueiredo Souza, 2022).

A base metodológica do artigo se estrutura a partir do método de análise de construção de sentidos em redes digitais (Aquino; Gonzatti, 2018), que serve para analisar a pluralidade de sentidos que emergem de acontecimentos tramados nas plataformas de redes sociais. Para a coleta e análise dos dados, há um conjunto de passos a ser seguido:

Primeiro, ocorre a coleta dos signos utilizados em um cenário de produção de sentido, identificando quais os contextos e as controvérsias que estão sendo relatadas nas conversações. É comum manter um arquivo com anotações e observações a respeito desse movimento. Depois, cada elemento salvo no mapeamento é analisado e recebe uma atribuição de sentido. Conforme avançamos no corpus, diferentes signos passam a ser marcados com os mesmos sentidos, o que caracteriza o agrupamento de uma constelação de sentido. Por fim, cada constelação de sentido é desdobrada textualmente, sendo problematizada segundo a perspectiva teórica e o problema colocados pela pesquisa (Aquino; Gonzatti, 2018, p. 6).

A coleta dos dados se deu após a identificação da potencialidade de análise do caso, que desponta nas contas do Instagram do ex-casal e se desenrola a partir dos comentários nas publicações. Coletamos esses comentários para verificar as disputas de sentido sobre a separação do ex-casal. Nosso objetivo não foi esgotar a leitura de todos os comentários em nenhuma das publicações. Isto seria inviável. Optamos por iniciar a coleta e a leitura pela publicação de Nataly, e assim centrar nossa análise nestes dados por entendermos que, diante de sua vontade de ser mãe e da vontade de Fábio de não ter filhos, a publicação da decisão do ex-casal de dar fim ao relacionamento tornava pública uma discussão que acionava tópicos caros ao momento contemporâneo, relacionados à escolha, à autonomia e à liberdade (Giddens, 2002; Bauman, 2008; Polivanov, 2019), conforme mencionamos inicialmente. Embora sejam valores concernentes tanto às mulheres quanto aos homens, entendemos que historicamente foram, e ainda são, questões problemáticas para as mulheres com relação à maternidade e ao planejamento familiar. Dessa forma, centralizamos nossa coleta e análise nos comentários da publicação feita por Nataly. Para qualificar nossa análise, incluímos comentários do post de Fábio, a fim de comparar com os comentários feitos na publicação de sua ex-esposa.

4.1 As categorias de sentido na publicação de Nataly Mega

Logo que a repostagem foi realizada por Nataly, vimos comentários de apoio a ela, dizendo o quanto era corajosa por terminar o relacionamento e fazer a escolha de ser mãe. Outras pessoas criticavam o término, acusando tanto ela quanto Fábio – ela por saber que ele não queria filhos, e ele por saber que ela queria. Identificamos uma diversidade de opiniões e posicionamentos que demandavam uma investigação mais aprofundada. No total, coletamos

626 comentários da publicação de Nataly. A seguir, detalhamos as constelações de sentido que dela emergem.

Figura 1 - Publicação feita por Nataly Mega em sua conta no Instagram



Fonte: Nataly Mega (2023).

Apoio: As manifestações de apoio aparecem não só em formato de texto, mas também muito através de emojis. Um comentário em destaque nessa categoria foi o da cantora Sandy: “Força♥”. Vários corações e carinhas tristes expressam afeto por Nataly e também comoção pelo rompimento do ex-casal: “São tão lindos juntos e continuarão lindos separados <3 <3 <3”; “Poxa :(mas de qualquer maneira que tenha paz no coração dos dois ♥”.

Nataly recebe uma mensagem, “Te amo”, do melhor amigo de Fábio, João Vicente, mas são de mulheres as principais mensagens de apoio. Desejos de felicidade, luz, amor, força, sabedoria e outros sentimentos positivos são direcionados não apenas a Nataly, mas aos dois. Muitos que comentam nesta categoria expressam sua admiração pelo ex-casal e desejam que sigam felizes, mesmo separados. Felicidade é a menção principal nas mensagens direcionadas a eles.

Quando uma seguidora posta que não entendeu o motivo da separação, começam a aparecer comentários sobre parentalidade e planejamento familiar. Nataly, então, recebe de

algumas mulheres apoio sobre uma possível maternidade no futuro. *“Queria filhos né Naty...mas vai nascer algo infinito pra ti... Oro e torço por ti ❤️”*.

Outros comentários desta categoria tentam reforçar as mensagens de apoio, rechaçando as opiniões e as falas de tom mais crítico ou cético: *“Quanto comentário inconveniente, que horror. Sinto muito, @natalymega”*.

Admiração: Em uma linha próxima à categoria de sentido de apoio, muitas pessoas expressam admiração, inicialmente pelo ex-casal: *“poxa, admiro tanto vocês dois juntos, fiquei triste, mas cada um sabe da sua verdade e do seu coração”*; *“Ahhhh! Acho vcs juntos lindos demais! Mas que acima de tudo prevaleça o amor!!!”*.

Isso se mistura à admiração pela atitude de romper o relacionamento diante de escolhas diferentes para o futuro individual: *“Sempre é triste quando casais se separam, mas vocês são tão incríveis por terem a maturidade de saberem o que cada um quer e escolher que o outro merece ser feliz em suas escolhas, mesmo não sendo a escolha de ambos, que a gente até reforça a fé na humanidade”*. A maturidade do ex-casal aparece como motivo de admiração: *“Muito triste e lindo. Maturidade para terminar uma relação é para poucos”*. Um comentário que também mostra admiração pela postura do ex-casal diante do rompimento é o de uma seguidora de Nataly que fala que *“sente pela decisão que os dois tiveram de tomar”*, sobretudo por precisarem *“dar explicações para as pessoas sobre algo tão pessoal”* e, diante dessa exposição, *“ainda terem que ler palpites desnecessários”* nas respostas.

Tristeza e incredulidade: Muitos comentários evidenciam a insatisfação com a decisão tomada pelo ex-casal. Neles, as pessoas expõem toda a tristeza e a incredulidade após o anúncio feito por Nataly e Fábio. Textos e emojis deram o tom desta categoria: *“Estou incrédula 😞😞😞”*; *“Difícil de acreditar”*; *“Não estava preparada pra isso”*; *“Ah não, gente, para. Primeiro de abril tá longe ainda 😞”*.

Em tom jocoso, alguns comentários aludem ao comportamento de eleitores do então candidato Jair Bolsonaro diante do resultado da eleição presidencial de 2022, ao escreverem *“Ah, gente. Não aceito. Quero recontagem dos votos”*; *“Vamos fechar as rodovias, colocar fogo nos pneus. Eu não aceito esse fim. Quero votação nacional 'em papel'. Nós temos armas e vamos decidir se esse casamento acaba ou não”*.

A tristeza é expressa com pesar e lamento: *“E os términos dos meus casais favoritos não param 😞😞”*; *“Fiquei muito triste com a notícia @natalymega”*; *“Não queria que vcs se separassem 😞”*; *“Tô triste, quando vejo um casal tão lindo assim que sou fã se separando dá um nó na garganta”*.

Especulação: *“Não entendi direito! A separação é pq um dos 2 não quer ter filhos?”. Este comentário dá ensejo a vários outros que especulam o motivo da separação de Nataly e Fábio. “Nossa estava desconfiando, mas estou chocada, vcs formavam um casal muito perfeito, que pena!!!”.*

A especulação gira principalmente em torno da vontade ou da falta de vontade de Fábio de ser pai. Diante de questionamentos se haveria outro motivo para o término, surgem comentários como: *“Não é isso não. Se fosse ele teria falado. É falta de vontade de ser pai mesmo. Normal”; “Acho que ele não quer, ele nunca expressou uma vontade em ser pai. Mesmo que não pudesse, hoje em dia tem inúmeros tratamentos, isso nem seria o problema para eles! Provavelmente ele não quer mesmo!”.*

Verifica-se uma disputa sobre o real motivo do rompimento. *“Ambos não queriam filhos inicialmente, pelo que o Porchat disse no podcast da Gioh e da Fe Paes Leme”; “Ele respeita tanto ela que preferiu deixar ela livre pra ir atrás de realizar esse sonho”; “Achei que era por causa da obra da casa. É difícil manter casamento e reforma, só dá briga 😊”; “Ele descobriu que NÃO PODE ter filhos!”; “Gay, aposto, o mundo é de liberdade, segue o day”.*

Maternalismo: Nesta categoria, os comentários apoiam a vontade de Nataly ser mãe, posicionando a maternidade como essencial e/ou o aspecto mais importante da vivência feminina. O apoio vem, inclusive, com idealização: *“Agora segue seu caminho e vá ser mamãe ❤ é o melhor sentimento do mundo 🥰”. “Você optou por trocar um amor romântico pelo amor maternal, que coragem e quão difícil!!! Mas escolher o amor próprio e pelos futuros filhos que terá nunca será uma batalha perdida!!! ❤ Toda a luz para você!”.* Estes comentários são feitos principalmente por mulheres, mas um homem também defende a opção pela parentalidade: *“Melhor decisão de sua vida, vai e seja feliz agora, vc merece!!!”.*

O tom afirmativo sobre a suposta escolha feita por Nataly ganha ênfase nos comentários: *“❤ Filho é a melhor 'coisa' desse mundo, Nataly. E se você tem esse sonho, ninguém pode te impedir”. “Nataly ainda bem que você tomou essa decisão agora para não se arrepender depois! Filho é a melhor coisa da vida sem sombra de dúvida!!! Você será muito feliz e realizada sendo mãe!!!❤”; “❤ Força querida e acredite TER FILHOS É O MAIOR PRESENTE DA VIDA, O AMOR VERDADEIRO ❤ siga adiante e as dores vão desaparecer e você vai encontrar a verdadeira felicidade ❤”.*

Outro comentário que consideramos nesta categoria, que também perpassa a categoria de tristeza e incredulidade, é: *“Nossa tô muito triste ☹️. O Fábio é cabeça dura gente. Filho é maravilhoso”*.

Ataques: Aqui os comentários são direcionados a Fábio. Ataques sobre a profissão de humorista, sua orientação sexual e a escolha supostamente feita apenas por ele aparecem mais de uma vez: *“Ela não deve ter aguentado vc Porchat... Só vc se acha engraçado”; “Ele te enganou bebezinho lindo guti guti ele não gosta da fruta bjs boa sorte vc se livrou de um babaca sua linda... ele é menina também kkkkk”; “Ele é egoísta, só pensou nele, vc fez muito bem!!”*.

Há um comentário mais extenso, que perpassa a categoria de maternalismo enquanto ataca e julga Porchat: *“(...)Fábio n tem amor de amar uma mulher de verdade daqui a pouco vc tá apaixonada de novo vai construir a sua Família, Fábio n gosta de criança, se gostasse fazia uma inseminação, VIDA QUE SEGUE um lar sem filho n é Lar n é Família tantas crianças precisando ser adotadas, mas o egoísmo ã deixa”*.

Debate sobre (não) parentalidade: independentemente da defesa de Nataly ou dos ataques contra Fábio, percebemos uma parcela de comentários que discute a escolha de ter ou não ter filhos. O que muitas vezes levanta questões de gênero: *“É tão fácil para os homens dizer não para a paternidade”*. Uma sequência de respostas a este comentário ilustra o debate sobre o tópico: *“Por quê? Não acho que isso tenha sido uma decisão fácil pra nenhum dos dois. É melhor dizer não e deixar ela ir buscar o que deseja com outra pessoa do que ter filhos sem querer ou privá-la dessa vivência, que é importante pra ela e não é obrigatória pra ninguém”; “Ninguém é obrigado a ter filhos. Eu não quero ter, sou menos mulher por isso? Não confunda abandonar um filho com não querer ter um, são coisas bem distintas”*.

A seguir, comentaremos as categorias que emergem dos 34 principais comentários⁵ da publicação de Fábio.

⁵ Os comentários foram selecionados entre os mais curtidos, com mais respostas e os mais recentes no momento da coleta.

4.2 As categorias de sentido na publicação de Fábio Porchat

Figura 2 - Publicação feita por Fábio Porchat em sua conta no Instagram



Fonte: Fábio Porchat (2023).

Admiração e reconhecimento: Os comentários de admiração pela(s) atitude(s) de Porchat despontam logo de início. *“Fábio eu te admiro tanto. Vc é o único homem famoso QUE FALA ABERTAMENTE SOBRE A SUA DECISÃO DE NÃO TER FILHOS”*. As mensagens desta categoria também mencionam muito a palavra maturidade, associando a decisão tomada (atribuída ora a Fábio, ora ao ex-casal) a essa característica: *“Muita maturidade. Fiquem bem queridos 🍷”*; *“Que decisão madura e corajosa de vocês. A gente só é feliz se permanece leal às nossas escolhas”*.

Apoio: Fábio é apoiado por seus seguidores e amigos próximos. O melhor amigo, João Vicente, que também comentou no post de Nataly, apoia-o escrevendo *“Eu amo”*. Outras mensagens de apoio são: *“Amor também sabe deixar a hora de ir. Muito amor pra vcs na vida!”*; *“Passei pela EXATA mesma situação dois anos atrás. É muito difícil, mas é a decisão mais sábia”*.

Ataques: Os ataques a Fábio que aparecem na publicação de Nataly também se manifestam na postagem dele. Em uma mensagem que ataca sua sexualidade, um homem diz: *“Agora ele está livre para encontrar o homem da vida dele e ser feliz, sem a menor possibilidade*

de engravidarem". Em outro comentário, uma mulher afirma: *"Você não pode ter filhos"*. Sem direcionar, mas ainda categorizado como ataque, este comentário argumenta: *"Todo mundo achando lindo, eu acho é triste. Não é possível q uma pessoa mais tarde se veja sem filhos e sem netos, sem ter formado uma família e continue achando q tomou a decisão certa"*.

Debate sobre (não) parentalidade: Na publicação de Fábio, o debate sobre ter ou não ter filhos gera ponderações sobre o quão essencial isso é para um relacionamento; como é preciso entender que *"filho é para sempre, não dá para ter filhos para agradar o outro"*. Questões de gênero também são problematizadas nesta categoria: *"eu acho engraçado, quando um homem diz que não quer ser pai e por isso termina ele tá certíssimo, aclamado pela decisão, mas quando uma mulher diz ou faz o mesmo a sociedade destrói. a mulher sempre se molda a favor da relação, se submete e permite mudanças, mas homens serão sempre endeusados por manterem a palavra final. não é uma crítica a ele, mas é um pensamento a ser pensado por nós mulheres. será que ser mãe ou não ser é realmente uma decisão sua? ou é algo socialmente imposto e as vontades masculinas serão sempre finais?"*.

Identificação: Nos comentários, algumas pessoas afirmam que se identificam com a vontade de permanecer sem filhos: *"Sempre sofri com o fato de nunca querer ter filhos, pela pressão que as pessoas impõem. Não nasci pra isso e ouvi você dizer no podcast das meninas, filho é pra sempre. E é isso, eu odeio isso de ter que imaginar que o meu mundo será bagunçado por outra pessoa que será minha inteira responsabilidade"*; *"Achei digno de homem com H maiúsculo. Eu NÃO QUERO SER PAI!"*.

4.3 Inferências

As escolhas de hoje não são as mesmas de séculos atrás (Giddens, 2002). O caso de Nataly Mega e Fábio Porchat evidencia as possibilidades de planejamento familiar que um casal pode discutir dentro de um casamento no século XXI. Todavia, nem todos os casais têm as mesmas condições de liberdade e autonomia que eles. Ambos são ricos, brancos, heterossexuais e famosos. O que não significa que tais atributos assegurem as condições de liberdade e autonomia para a decisão tomada, mas certamente aumentam as chances de isso acontecer. É importante salientar a posição que o ex-casal ocupa em um país onde a desigualdade econômica é profunda, os casos de racismo e homofobia crescem a cada ano e a violência de gênero configura um problema histórico. Escolher ter ou não ter filhos se distancia da realidade de muitas famílias brasileiras.

O que podemos inferir das categorias decorrentes da análise de construção de sentidos nos comentários das publicações de Nataly e Fábio, inicialmente, é que a decisão tomada pelo ex-casal de tornar público o fim do relacionamento contribui para trazer o tema planejamento familiar aos debates nas plataformas de redes sociais. Embora no comunicado Fábio tenha escrito: *“Você [Nataly] merece o mundo. E filhos lindos!”*, definimos a categoria Especulação por entendermos que, para muitas pessoas, não ficou suficientemente evidente ou justificado o motivo do término. A discussão sobre a divergência entre os projetos parentais de ambos, por um lado, alinha-se à noção mais tradicional de que formar uma família necessariamente significa ter filhos e que arranjos fora desse seriam incompletos ou solitários (Cummins; Rodgers; Wouk, 2021). Por outro, revela algumas manifestações próximas ao que Sanches e Simão-Silva (2016) entendem por planejamento da (não) parentalidade, devido ao fato de parte considerável dos comentários se referir positivamente à decisão do casal, com enfoque no possível ambiente em que esses filhos poderiam crescer caso Fábio cedesse e se tornasse pai, apesar de não desejar isso.

A repercussão da repostagem de Nataly visibiliza uma diversidade de sentidos sobre o impacto do término na sua vida e na escolha de ser mãe. Alguns de seus seguidores apoiam sua decisão por considerarem que ter filhos está relacionado ao projeto de vida (Velho, 2003) dela, não ao de Fábio, e que por isso ela deveria seguir em busca desse objetivo. Muitas manifestações de apoio foram direcionadas não apenas a ela, mas ao ex-casal, com admiração por sua assim chamada maturidade – o que também se relaciona com a ideia de planejamento da (não) parentalidade defendida por Sanches e Simão-Silva (2016). Nesse sentido, a exposição do caso traz para o debate público as nuances que perpassam o rompimento: desgosto, surpresa, carinho, decepção. Os sentimentos expostos nessas mensagens são sentidos pelos fãs, amigos, seguidores e, muito provavelmente, pelo ex-casal, que passa pela dor da separação e ainda precisa se expor para sustentar as vidas públicas construídas perante seus públicos (Sibilia, 2016; Martins; Cordeiro, 2022).

O acolhimento que Nataly recebe está atrelado a uma forte defesa do maternalismo. Várias mulheres comentam sobre o quão maravilhoso é ser mãe e que Nataly tomaria a decisão certa ao terminar com Fábio para encontrar outra pessoa que lhe desse filhos. Em alguns comentários, a defesa do maternalismo descamba para críticas a Porchat, por supostamente ter demorado muito tempo para “liberar” Nataly – como se apenas ele fosse o detentor da decisão de encerrar o casamento – ou por seu assim chamado egoísmo por não dar filhos à amada. Na postagem de Fábio, o apoio a ele oferecido reforça a ideia de que o

humorista teria decidido sozinho dar o aval para que Nataly buscasse o sonho de ser mãe. Há admiração pela decisão tomada, embora alguns comentários parabenizem Fábio por “permitir” que a ex-esposa siga em frente.

Por fim, verifica-se que a felicidade é colocada como principal desejo nos comentários que apoiam e/ou admiram a postura do ex-casal, o que indica ser um objetivo que os apoiadores validam e valorizam. Também permite inferir que interpretam que Fábio e Nataly agem para alcançar a felicidade, busca propagada na sociedade de consumo (Bauman, 2008).

5 Considerações finais

Das especulações aos ataques, da expressão de tristeza às manifestações de apoio, fica evidente nos comentários recebidos tanto na postagem original de Fábio Porchat quanto na republicação de Nataly Mega (hoje, excluída) o envolvimento do público com a vida pessoal do ex-casal que acompanha(va)m. Amigos, colegas de trabalho, fãs, curiosos, críticos; essas distintas audiências (Boyd, 2011) dividem a noção compartilhada de intimidade (Campanella; Nantes; Fernandes, 2018; Karhawi, 2021) com Fábio e Nataly. O fato de várias pessoas exigirem mais explicações sobre os motivos que levaram ao término revela a percepção de si mesmos como confidentes do ex-casal, no mínimo enquanto aqueles aos quais Fábio e Nataly devem prestar contas sobre aquilo que fazem (Martins; Cordeiro, 2022). A narrativa em tom de desabafo, feita em modo público, ajuda a reforçar a sensação de proximidade e acesso à intimidade do ex-casal (Klem; Fernandes, 2022). Isso permite que Nataly e Fábio possam, de certa forma, controlar melhor as narrativas que circulam sobre o rompimento deles, por apresentarem a mesma versão dos fatos em um texto carregado de marcas afetivas. Mesmo assim, conforme observado nas categorias de análise e em entrevistas posteriores, essa narrativa não foi aceita como unanimidade, muito menos recebida sem questionamentos ou críticas.

O anúncio do término corrobora a coerência expressiva (Pereira de Sá; Polivanov, 2012) de Fábio e Nataly. Isso aparece no tocante ao relacionamento do ex-casal, já que Fábio é conhecido entre o público por ser respeitoso, conforme denotam os próprios comentários nas duas postagens. Aparece também em relação ao ex-casal se adequar àquilo que cada um deles apresenta como projeto de vida (Giddens, 2002; Velho, 2003): virar mãe, no caso de Nataly; permanecer sem filhos, no caso de Fábio. O que se reflete no entendimento de ambos como autênticos, verdadeiros em seus desejos, coerentes entre o que enunciam e aquilo que

praticam (Abidin, 2015), pelo menos entre a maioria das pessoas que comentam em suas publicações sobre o término.

Ao apoiarem a separação do ex-casal ou discordarem dela, as diferentes audiências que formam o público dessas personalidades midiáticas revelam posicionamentos sobre (não) parentalidade, mais especificamente maternidade, e seu impacto na vida (com maior ênfase no relacionamento amoroso) de quem se torna ou deixa de se tornar mãe/pai. Mais do que a conduta de Nataly e Fábio, os comentários buscam defender, justificar, acusar ou problematizar práticas e crenças relacionadas à vida com e sem filhos. O fim do casamento do ex-casal se converte em espelho das vivências pessoais de quem sobre ele discute (Aquino; Dias e Ávila, 2019). Nisso, o público mostra o quanto o fator gênero é relevante seja para acolher, seja para condenar alguém quanto à decisão de encerrar um casamento por querer ou não querer virar mãe ou pai. Além de expor que o pronatalismo (Cummins; Rodgers; Wouk, 2021) baseado em famílias nucleares, o estímulo ao nascimento de crianças na posição de filhos, segue forte.

O maior apoio a Nataly pode derivar do fato de ela seguir a conduta hegemônica, que se manifesta de forma mais intensa sobre mulheres: desejar filhos. Não à toa o maternalismo aparece em tantas mensagens de apoio. São pessoas, em sua maioria mulheres, que acreditam que ser mãe é a vivência mais importante para qualquer mulher e que, pela maternidade, vale a pena abrir mão de um casamento feliz – o que reverbera movimentações históricas que paulatinamente construíram a maternidade como central para o gênero feminino (Moura; Araújo, 2004; Badinter, 2011; Donath, 2017; Figueirido Souza, 2022). Por outro lado, os ataques direcionados de maneira quase exclusiva a Fábio podem ter se intensificado por ele sustentar um posicionamento diferente da norma hegemônica – querer filhos, se esforçar para isso (Cummins; Rodgers; Wouk, 2021) –, que impediria sua então esposa de vivenciar a maternidade.

Diante disso, é possível dizer que o ex-casal performa tanto o planejamento da parentalidade – Nataly, que pretende ter filhos com alguém que compartilhe com ela esse desejo – quanto o planejamento da não parentalidade – Fábio, que coloca o afeto e o respeito pela ex-esposa e pelos futuros filhos dela como fatores que pesaram na sua decisão. A vontade de construir uma vivência familiar condizente com seus objetivos e com o bem-estar das crianças que poderiam nascer a partir dela se relaciona ao mesmo tempo com a valorização da autonomia e da liberdade na construção de seus projetos de vida (Velho, 2003; Polivanov, 2019) e com a noção de planejamento da (não) parentalidade sugerida por

Sanches e Simão-Silva (2016). Embora o planejamento da não familiaridade encontre maior resistência e rejeição entre os comentários, o acontecimento on-line que consiste no post do término do ex-casal não deixa de ser uma ocasião em que ele é expresso para um público que, a julgar pelas reações, em boa parte não está acostumado a pensar a não parentalidade como projeto tão válido quanto a parentalidade.

Considerando que, sob o imperativo da visibilidade, aspectos da vida privada dos indivíduos são compartilhados de forma muito mais aberta e detalhada (Sibilia, 2016), é possível inferir que comoções em torno de termos de personalidades midiáticas continuarão a fomentar o engajamento do público, dentro de uma lógica de consumo da intimidade que, conforme indicam diferentes autores (Bauman, 2008; Studlar, 2016; Tomaz, 2019; Humphrey, 2022), alastra-se para a vida em família.

Resta investigar o quanto esse tipo de acontecimento on-line será capaz de estabelecer pautas e mobilizações coletivas sobre direitos reprodutivos, planejamento familiar – ou da (não) parentalidade – e expectativas de gênero em relação a projetos parentais tanto nas plataformas de redes sociais quanto para além delas.

Referências

- ABIDIN, Crystal. Communicative intimacies: influencers and perceived interconnectedness. **Journal of Gender, New Media, & Technology**, Oregon, v. 8, p. 1-16, 2015. Disponível em: <https://scholarsbank.uoregon.edu/xmlui/handle/1794/26365>. Acesso em: 16 jan. 2023.
- AQUINO, Maria Clara Bittencourt. Ciberacontecimento e mediatização na renúncia do rei da Espanha. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 8, p. 1-28, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/1981-4070.2014.v8.21095>. Acesso em: 16 jan. 2023.
- AQUINO B, Maria Clara Bittencourt; GONZATTI, Christian. Análise de construção de sentido em redes digitais: a política das diferenças no caso da Rede Ninja de Opinião. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 19, p. 1-17, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.13037/ci.vol19n39.4926>. Acesso em: 16 jan. 2023.
- AQUINO, Maria Clara Bittencourt; DIAS, Marlon Santa Maria; ÁVILA, Ana Karlice Nascimento de. A disputa de narrativas sobre a constituição de um grupo de mulheres no Facebook na campanha presidencial de 2018. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 20, p. 149-168, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.13037/ci.vol20n44.6154>. Acesso em: 16 jan. 2023.
- AQUINO, Maria Clara; SOUZA, Ana Luiza Figueiredo. “Filho é um assunto muito sério”: disputas de sentido em torno do planejamento familiar de personalidades midiáticas. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 32., 2023, São Paulo. **Anais eletrônicos** [...]. Campinas: Galoá, 2023.

BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOYD, Danah. Social network sites as networked publics: affordances, dynamics, and implications. In: PAPACHARISSI, Zizi (ed.). **A Networked self: identity, community and culture on social network sites**. London: Routledge, 2011. p. 39-58.

CAMPANELLA, Bruno; NANTES, Joana d'Arc; FERNANDES, Paula. Criando intimidade, recebendo visibilidade: novas práticas de persuasão na economia da fama. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 15, n. 43, p. 366-385, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.18568/cmc.v15i43.1474>. Acesso em: 16 jan. 2023.

CARAS DIGITAL. **Sandy e Lucas Lima são alvo de novo rumor**. Saiba o que estão dizendo. Caras, São Paulo, 20 nov. 2023.

COMOTI, Priscilla. Acabou! Sandy e Lucas anunciam o fim do casamento após 15 anos de união. **Caras**, São Paulo, 25 set. 2023a.

COMOTI, Priscilla. Sandy e Lucas Lima rompem o silêncio sobre rumores de reconciliação: 'Não são inofensivos'. **Caras**, São Paulo, 20 nov. 2023b.

CORREIO BRAZILIENSE. **Por dia, quase 500 crianças são registradas sem o nome do pai no Brasil**. Correio Braziliense, Brasília, 13 ago. 2023.

CUMMINS, Helene A.; RODGERS, Julie Anne; WOUK, Judith Dunkelberger (ed.). **The Truth About (M)Otherhood**. Choosing to Be Childfree. Ontario: Demeter Press, 2021.

DONATH, Orna. **Mães Arrependidas: uma outra visão da maternidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

FÁBIO PORCHAT. **Para uma relação amorosa ser boa ela não precisa ser pra sempre**. Rio de Janeiro, 13 jan. 2023. Instagram: Fabio Porchat @fabioporchat. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CnXpPg2tSa2/>. Acesso em: 16 jan. 2023.

FIGUEIREDO SOUZA, Ana Luiza de. "Maternidade real" nas mídias sociais: particularidades, tensões e novas imagens maternas. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 12, 2021, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: Fazendo Gênero, 2021. p. 1-11.

FIGUEIREDO SOUZA, Ana Luiza de. **"Me deixem decidir se quero ou não ser mãe!"**: narrativas pessoais de mulheres sobre a maternidade nas mídias sociais. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

FIGUEIREDO SOUZA, Ana Luiza de. **"Ser mãe é f*d@!"**: mulheres, (não) maternidade e mídias sociais. Porto Alegre: Zouk, 2022.

FRIEDMAN, May. **Mommy blogs and the changing face of motherhood**. Toronto: University of Toronto Press, 2013.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

HUMPHREY, Michael. Pater for millions: negotiating the collapse of a YouTube. Father persona. **Persona Studies**, Geelong, v. 8, n. 2, p.42-55, 2022.

KARHAWI, Issaaf. Notas teóricas sobre influenciadores digitais e Big Brother Brasil: visibilidade, autenticidade e motivações. **E-Compós**, Brasília, v. 24, p. 1-21, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.30962/ec.2182>. Acesso em: 16 jan. 2023.

KLEM, Kárin; FERNANDES, Paula. A Síndrome do impostor na produção de itinerários sobre sofrimento: um estudo de caso sobre influenciadores, práticas de consumo e subjetivação em narrativas da intimidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 45, 2022, João Pessoa. **Anais** [...]. João Pessoa: Intercom, 2022. p. 1-15.

LEAL, Tatiane. **A mulher poderosa**: construções da vida bem-sucedida feminina no jornalismo brasileiro. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

LISAUSKAS, Rita. **As mães estão cansadas, mas a 'culpa' não é das crianças**. Estadão, São Paulo, 29 nov. 2019.

MARTINS, Tamires de A. Lima; CORDEIRO, Ana Paula. A “cultura do cancelamento”: contribuições de um olhar sociológico. **Revista Extraprensa**, São Paulo, n. 15 (especial), p. 29-47, 2022.

MORAES, Renata Costa. **Cultura das celebridades**: a mídia especializada e o funcionamento da indústria cultural contemporânea. 2005. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

MOURA, Solange Maria S. R.; ARAÚJO, Maria de Fátima. Maternidade na história e a história dos cuidados maternos. **Psicologia: ciência e profissão**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 44-55, 2004.

NARDELLI, Bruna. **“Maior parte das mães casadas é mãe solo”, lamenta atriz Mariah de Moraes**. Metrôpoles, Brasília, 25 ago. 2020.

NATALY MEGA. **É sempre difícil encerrar um ciclo que foi tão bom e tão feliz**. Rio de Janeiro, 13 jan. 2023. Instagram: Nataly Mega @natalymega. Disponível em: <http://instagram.com/natalymega>. Acesso em: 16 jan. 2023.

NOGUEIRA, Julie. **Mãe solo**: conceito e desafios. Jusbrasil, Salvador, 22 abr. 2023. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/mae-solo-conceito-e-desafios/1830632017>. Acesso em: 22 nov. 2023.

PEREIRA DE SÁ, Simone; POLIVANOV, Beatriz. Autorreflexividade, coerência expressiva e performance como categorias para análise dos sites de redes sociais. **Contemporanea**, Salvador, v. 10, n. 3, p. 574-596, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/contemporanea.v10i3.6433>. Acesso em: 16 jan. 2023.

PIRES, Elaine Muniz. A blogosfera materna é branca: trabalho, feminismos, raça e classe na blogosfera materna brasileira. **Ártemis**, João Pessoa, v. 31, n. 1, p. 183-202, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2021v31n1.60140>. Acesso em: 16 jan. 2023.

POLIVANOV, Beatriz Brandão. Identidades na Contemporaneidade: uma reflexão sobre performances em sites de redes sociais. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, São Paulo, n. 8, p.103-119, 2019.

REDAÇÃO. Nataly Mega, ex de Porchat, desabafa sobre recomeço em viagem sozinha: 'Mudar de casa e de vida'. **Estadão**, São Paulo, 7 jun. 2023.

REDAÇÃO GQ. Ano das separações: relembre os casais famosos que terminaram em 2022. **GQ**, São Paulo, 20 dez. 2022.

RICTV ENTRETENIMENTO. Nataly Mega, ex de Fábio Porchat, surge na web com declaração de afeto para amigos. **RIC Mais**, Curitiba, 24 jan. 2023

SANCHES, Mário Antônio; SIMÃO-SILVA, Daiane Priscila. Planejamento familiar: do que estamos falando? **Revista Bioética**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 73-82, 2016.

SANTOS, Júlio César; FREITAS, Patrícia Martins. Planejamento familiar na perspectiva do desenvolvimento. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 1813-1820, 2011.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: A intimidade como espetáculo. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SOUZA, Carmen Lúcia Carvalho; BENETTI, Silvia Pereira da Cruz. Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 42, p. 97-106, 2009.

STUDLAR, Gaylin. Poor little star: femininity, authenticity and unhappy childhood. In: CELEBRITY STUDIES JOURNAL CONFERENCE, 20, 2016, Amsterdam. **Proceedings** [...]. Amsterdam: Tilburg University, 2016, p. 112-113.

TRINDADE, Vanessa Costa. "Eu aumento, mas não invento": interesse público x interesse do público no TV Fama. **Anagrama**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 1-15, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-1689.anagrama.2008.35366>. Acesso em: 16 jan. 2023.

TOMAZ, Renata. **O que você vai ser antes de crescer?** Youtubers, infância e celebridade. Salvador: EDUFBA, 2019.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

ZAGO, Vanessa K. **Maternidade real**: uma fórmula discursiva? 2021. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

Love didn't end, but our paths took different directions: disputes over family planning among media personalities

Abstract

At the beginning of 2023, the couple Nataly Mega and Fábio Porchat announced their separation on Instagram, after eight years together. The news generated comments in publications made by the ex-couple, as well as wide repercussion in the press and social media. Family planning was highlighted in this, since having or not having children was identified as a decisive factor for the former couple to end their marriage. Through an analysis of the construction of meaning on digital networks, the article explores the disputes over meaning that emerge from the debate on family – or (non-)parenthood – planning among media personalities constructed from the comments in the (original and shared) post about the separation of Nataly and Fábio. Tensions and trends are identified between social expectations related to motherhood, fatherhood and childlessness, especially among the female public, the most present among the demonstrations. It is concluded that the way in which the divorce announcement was made and the fact that so many people demanded explanations about the reasons that led to the breakup reveals the feeling of closeness and access to the former couple's intimacy on the part of the public that accompanies them. Thus, the commotion surrounding breakups between media personalities can be related to a logic of consumption of intimacy that spreads to family life. In this context, the answers about the ex-couple's divergent parental projects express traditional conceptions, (lack of) support for planned (non-)parenthood and the appreciation of what is needed to achieve the aims of one's life projects.

Keywords

family planning; meaning disputes; media personalities; motherhood; (non-)parenthood

Autoria para correspondência

Maria Clara Aquino
aquino.mariaclara@gmail.com

Ana Luiza de Figueiredo Souza
analuiza.dfigueiredo@gmail.com

Como citar

AQUINO, Maria Clara; FIGUEIREDO SOUZA, Ana Luiza de. O amor não acabou, mas os caminhos tomaram rumos diferentes: disputas de sentido sobre o planejamento familiar de personalidades midiáticas. **Intexto**, Porto Alegre, n.56, e-137032, 2024. DOI: <https://doi.org/10.19132/1807-8583.56.137032>

Recebido: 23/04/2023

Aceito: 30/03/2024



Copyright (c) 2024 Maria Clara Aquino, Ana Luiza de Figueiredo Souza. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.